

NÚCLEO DE ESTUDOS EM AGROECOLOGIA E PRODUÇÃO
ORGÂNICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

4ª
edição

Agroecologia para a Agricultura Familiar Camponesa

AGROECOLOGIA

O equilíbrio
para todos

7

Agroecologia para a Agricultura Familiar Camponesa

Uberlândia, Agosto de 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Pró-Reitoria de Extensão e Cultura

Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários

Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica

Núcleo de Agroecologia do Cerrado Mineiro

AGROECOLOGIA PARA A AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA

4ª edição

Elaborado/revisado por:

Cristiane Betanho - Coordenação

Adriane de Andrade Silva

Ana Carolina Silva Siquieroli

Bruno Nery Fernandes Vasconcelos

Marcos Paulo do Carmo Martins

Felipe Alberto Simões Tavares

José Eduardo Fernandes

Ana Marcela Manzatto Kita

Carlos Felipe Lima Saar

Eduardo Nascimento Manfrim

Henrique Lomônaco Pedroso

Juliana Mota Diniz

Luiza Azevedo Ribeiro

Viktor Silvério Marques

Série Agroecologia: o equilíbrio para todos, 7

ISBN: 000-00-00000-00-0

Uberlândia
2018

Valder Steffen Júnior

Reitor da UFU - Universidade Federal de
Uberlândia

Armando Quillici Neto

Pró-reitoria de Graduação

Carlos Henrique de Carvalho

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação

Darizon Alves de Andrade

Pró-reitoria de Planejamento e Adminis-
tração

Elaine Saraiva Calderari

Pró-reitoria de Assistência Estudantil

Márcio Magno Costa

Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas

Helder Eterno da Silveira

Pró-reitoria de Extensão e Cultura

Vânia Aparecida Martins Bernardes

Diretoria de Extensão

Alexandre José Molina

Diretoria de Cultura

Kárem Cristina de S. Ribeiro

Diretora da FAGEN - Faculdade de
Gestão e Negócios

Cristiane Betanho

Coordenadora do Cieps - Centro de
Incubação de Empreendimentos Popu-
lares Solidários / Núcleo de Estudos em
Agroecologia e Produção Orgânica da
Universidade Federal de Uberlândia

***Resultado parcial do projeto “Apoio à continuidade de Estudos em Agro-
ecologia e Produção Orgânica da Universidade Federal de Uberlândia”,
financiado pelo MCTIC/MAPA/MEC/SEAD - Casa Civil/CNPq***

Projeto Gráfico: José Eduardo Fernandes

Universidade Federal de Uberlândia – Faculdade de Gestão e Negócios
Av. João Naves de Ávila, 2121 – Sala 1F216– Campus Santa Mônica
CEP – 38408-144 – Uberlândia – Minas Gerais
Telefone: (34) 3239-4132 Home page: <http://www.portal.fagen.ufu.br>

Realização:



Faculdade de
Gestão e Negócios



Agradecimento especial à Equipe de trabalho do Cieps

A todos os professores, bolsistas, técnicos administrativos em educação, aos colaboradores terceirizados, aos voluntários e aos trabalhadores e trabalhadoras que participam de todos os projetos. Esse coletivo torna possível a construção e a aplicação de conhecimentos em Economia Popular Solidária a partir dos campi de Uberlândia, Ituiutaba, Monte Carmelo e Patos de Minas.

Edição e Revisão:

Cristiane Betanho

Adriane de Andrade Silva

Ana Carolina Silva Siquieroli

Bruno Nery Fernandes Vasconcelos

Marcos Paulo do Carmo Martins

Felipe Alberto Simões Tavares

José Eduardo Fernandes

4ª Edição revisada - Uberlândia: agosto de 2018

Resultado parcial do projeto “Apoio à continuidade de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica da Universidade Federal de Uberlândia”, financiado pelo MCTIC/MAPA/MEC/SEAD - Casa Civil/CNPq



Ministério da
Ciência, Tecnologia,
Inovação e Comunicações

Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

Ministério da
Educação

Secretaria Especial de
Agricultura Familiar
Desenvolvimento Agrário

GOVERNO
FEDERAL

UM NOVO
SER
HUMANO É
POSSÍVEL



FÓRUM
REGIONAL DE
ECONOMIA
POPULAR
SOLIDÁRIA

TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAÍBA
MINAS GERAIS – BRASIL

**A ECONOMIA
SOLIDÁRIA
PRESENTE NA
AGROECOLOGIA**

Sumário

Apresentação.....	11
Plantio e manejo ecológico da plantação	14
Resumo dos módulos	16
Conclusões	28
Referências.....	30



Solidariedade se realiza na prática!





Apresentação

Prezados,

Nos volumes anteriores, esperamos ter reforçado a importância de observar a natureza e compreender como a mesma funciona.

Este volume tem por objetivo compilar todo o conhecimento até agora apreendido, direcionando-o à prática do plantio.

Vamos às hortas sucessionais!

Bons estudos!

Cristiane Betanho

Coordenadora do Projeto NEA/UFU







Plantio e manejo ecológico da plantação

Introdução

Em pleno século XXI, estamos vivendo um momento muito delicado no planeta Terra. Nossas ações, a partir de agora, irão definir o futuro da humanidade e a qualidade de vida que então desfrutaremos. Essa idéia, a respeito de como se dará a relação Homem-Terra, fundamenta todas as ações da ciência da Agroecologia, afinal de contas, reconhecemos que, se continuarmos a explorar os recursos naturais e humanos (relações sociais) da forma como estamos fazendo, então o planeta se encarregará de nos passar um recado com urgência.

Há mais de um século, com o avanço e fortalecimento do sistema capitalista nas principais nações com influência política no cenário mundial, a industrialização de todos os produtos que utilizamos no nosso dia a dia está gerando um impacto que afeta rigorosamente as sociedades estruturadas nas cidades e campos. Isso também quebra o equilíbrio dos ciclos biológicos da natureza, que estruturam os recursos dos quais tanto dependemos para sobreviver, como água, terra, ar etc.

Com apenas um recurso que nos falte, já não conseguimos nos estruturar socialmente em harmonia. Ou será que sobreviveríamos sem água? E não precisamos imaginar muito para nos situar. Afinal, o estado de São Paulo já sente a falta de um planejamento do uso racional da água e agora seus habitantes terão que suportar a falta deste recurso por um bom tempo, pois o ciclo da água não foi respeitado devidamente. Para conseguirmos mudar esta condição na qual vivemos, devemos então desconstruir alguns argumentos e ideias que ainda exercem influência na nossa



cultura, e aceitar uma nova proposta a respeito de como enxergamos a agricultura, a sociedade e o mundo. A Agroecologia vem para trazer essa nova proposta, uma nova consciência para com a Mãe Natureza da qual somos filhos.

A agroecologia é, também, uma ciência social, pois trabalha com o Ekos (do grego: casa, morada) e portanto, com a nossa casa, tanto em termos de indivíduo quanto de sociedade. Exatamente por esse motivo é que a Agroecologia estuda a relação que existe entre o ser humano e sua terra (agricultura), assim como as relações que os indivíduos estabelecem entre si (social).

O Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica (NEA/UFU) e o Núcleo de Agroecologia do Cerrado Mineiro (NACEM/UFU) trabalham a agroecologia por meio de sistemas de produção agroecológicos, envolvendo nas suas atividades o agricultor familiar, organismos acadêmicos como o Centro de Incubação de Empreendimentos Populares Solidários (Cieps/UFU) e pessoas da sociedade civil, como o coletivo GUARAS. Por meio do NEA/NACEM/UFU, conseguimos trabalhar ao longo do curso as principais questões envolvidas na agricultura ecológica, como a adubação verde, a importância da criação de um banco de sementes e alguns aspectos da ecologia da natureza para podermos consolidar todo esse estudo em uma prática agroecológica: a construção de canteiros de hortaliças com potencial agroflorestal.

Partindo do entendimento dos processos biológicos e ecológicos que estruturam os ambientes (recursos naturais) nos quais vivemos, o curso de agroecologia ministrado tem como objetivo principal fazer com que o agricultor e a sociedade civil se esclareçam a respeito da importância da preservação dos biomas através da transição agroecológica na produção de alimentos.



HORTAS SUCESSIONAIS

Vamos analisar a figura abaixo e refletir a seguinte questão:

1. O que são hortas sucessionais?



Figura 1. Horta sucessional na borda de uma agrofloresta na Fazenda São Luiz, São Joaquim da Barra (SP). Foto: Eduardo Manfrim

Para entender os princípios das hortas sucessionais e suas práticas agroecológicas, precisamos olhar para a natureza e entender o seu funcionamento.

Como dito no volume 2, a natureza é regulada por diferentes processos ecológicos, ciclos naturais e interações entre as espécies. A ação humana interfere diretamente nos processos ecológicos e nas espécies, positivamente, no caso de ações que visam à preservação da vida no planeta, e negativamente, no caso da exploração desenfreada dos recursos naturais e da vida como um todo.

Ambientes naturais podem sofrer distúrbios negativos e



perder parte ou toda a vegetação e a vida animal, em função da ação humana (como queimadas, agricultura, pecuária, mineração etc.) ou de distúrbios naturais (como terremotos, furacões, tempestades e outras). Se o distúrbio terminar, com o passar do tempo, o ecossistema degradado e a vegetação podem recuperar-se. Esse processo de recuperação natural dos ecossistemas e da vegetação pode ser chamado de sucessão ecológica.

Observação: existem diferentes tipos de sucessão ecológica, entretanto, para fazer comparações com a agricultura, trabalharemos apenas a sucessão ecológica em ambientes que sofreram algum tipo de distúrbio.

2. Como ocorre a sucessão ecológica?

A sucessão ecológica ocorre gradualmente, ou seja, aos poucos, a partir da constante substituição de espécies vegetais, animais e microrganismos ao longo do tempo.

Vamos entender esses processos com um exemplo fácil de ser visualizado:

Se abandonarmos um pasto, as primeiras plantas a colonizar esse ambiente serão algumas ervas (como as espécies de juá ou mata-cavalo, carqueija, picão, beldroegas, etc.) e pequenos arbustos (como assa-peixe, unha-de-gato, guanxumas, etc.). Com o passar do tempo, novas espécies de ervas e arbustos grandes (como a lobeira, quaresmeira-de-flor-branca, ipezinhos, etc.) irão aparecer. Essas plantas retiram nutrientes do solo e água, transformam isso em matéria orgânica por meio da fotossíntese e outras rotas metabólicas. Quando morrem, devolvem essa matéria orgânica para o solo. O acúmulo da matéria orgânica favorece a mul-



tiplicação de bactérias e fungos decompositores que, por sua vez, retornam os nutrientes para o solo. Esses processos ecológicos, como o acúmulo de matéria orgânica e a ciclagem dos nutrientes, proporcionam boas condições para que novas espécies de plantas mais exigentes nutricionalmente, como árvores e palmeiras, colonizem esse ambiente.

A melhoria das condições ecológicas do ambiente favorece o aumento da vida no solo, como bactérias, fungos, minhocas, piolhos-de-cobra, centopéias, caracóis etc. Além de favorecer o surgimento de diversas espécies de insetos herbívoros e predadores, animais de pequeno porte e de grande porte nos estágios mais avançados da sucessão natural.

Com o passar do tempo, a natureza trabalha no sentido de aumentar o número de espécies no ambiente em sucessão, tanto de espécies vegetais quanto animais, tornando o ecossistema mais complexo. Baseado nesses processos que são pensados e construídos os canteiros sucessionais.

3. Mas como essas questões ecológicas são trabalhadas nas hortas sucessionais?

As hortas sucessionais tentam imitar a biodiversidade dos ecossistemas naturais, por isso as espécies são plantadas em policultivo: várias espécies na mesma área de plantação e no mesmo canteiro ou linha. As misturas de espécies também podem ser chamadas de consórcios.

O policultivo é benéfico para a plantação, pois com o tempo gera equilíbrio entre as espécies vegetais e animais:

- Várias espécies em um mesmo local permitem que um in-



seto herbívoro não destrua toda a plantação. Esse inseto pode alimentar-se de partes de uma planta, mas pode não gostar de comer as outras.

- Diferentes plantas atraem várias espécies de animais predadores, que irão contribuir no controle biológico dos insetos herbívoros que poderiam causar danos à produção.

O policultivo é benéfico para o agricultor ecológico. Misturando espécies de ciclo curto, médio e longo, ele garante produção de alimentos e comercialização de produtos o ano todo.

Para entendermos melhor como funcionam os canteiros sucessionais, vamos analisar a figura seguinte e refletir como as espécies podem conviver sem competir:



Figura 2. Horta sucessional na Fazenda São Luiz, São Joaquim da Barra (SP). Observar as espécies de ciclo curto (mostarda, salsinha e milho) e espécies com ciclo de um ano ou mais (inhame, mandioca e banana). Foto: Eduardo Manfrim.



Figura 3. Horta sucessional na Fazenda São Luiz, São Joaquim da Barra (SP). Foto: Eduardo Nascimento Manfrim.

Se a horta é sucessional, então uma espécie sucede a outra, em termos de tamanho e ciclo de vida.

No primeiro plantio, todas as espécies são plantadas juntas, mas as diferenças nos ciclos de vida, nas velocidades de crescimento e nos tamanhos, fazem com que uma espécie não interfira na outra. Vamos entender melhor pensando em um exemplo hipotético de plantio:

Na mesma linha plantamos rabanete, alface, mostarda e inhame, espaçados a 20 cm (um palmo) um do outro. Apesar de 20 cm ser um espaçamento inferior aos plantios convencionais, as plantas não se atrapalham ou competem entre si, pois o rabanete será

colhido com aproximadamente 25 dias, a alface com 40-50 dias, a mostarda de 60-90 dias e o inhame com um ano ou mais.

Essas hortas estimulam o acúmulo de matéria orgânica no solo e a ciclagem de nutrientes. Diferentes técnicas agroecológicas (que já foram trabalhadas nos módulos anteriores) podem ser aplicadas para incrementar a vida no solo da plantação:

- Compostagem – composto orgânico para adubação inicial dos canteiros;
- Adubação verde – consorciar espécies de plantas le-



guminosas com as hortaliças, verduras e frutíferas. Como a crotalaria, feijão-de-porco, gliricídia (árvore), etc;

- Cobertura vegetal do solo – com capim e plantas leguminosas. Além disso, tudo aquilo que foi colhido e não será consumido, deverá retornar para o solo, para contribuir com a ciclagem dos nutrientes. Como as folhas da mandioca e do inhame, as folhas velhas das hortaliças, as folhas e o caule das bananeiras, etc.
- Linha de adubação – nos dois lados dos canteiros são plantadas linhas de adubação, com gramíneas (diferentes espécies de capim), leguminosas, mamona, etc.
- Economiza água, pois o solo está constantemente coberto, diminuindo a necessidade de irrigação de 3 ou mais vezes ao dia, para duas vezes (manhã e tarde). Podemos usar a irrigação por microaspersores (bailarinas), mas a irrigação por gotejamento também é muito eficiente e indicada, pois a cobertura vegetal retém água no solo.
- A cobertura de matéria orgânica e as espécies arbóreas plantadas estimulam a absorção da água da chuva para o lençol freático. Por isso, essas hortas são benéficas para os recursos hídricos vizinhos às áreas de plantações, como as veredas, as nascentes, os córregos e rios. Além disso, por não usarem veneno, garantem a boa qualidade da água no lençol freático e nos recursos hídricos.
- O manejo agroecológico das hortas sucessionais pretende alcançar a trofobiose (que já foi trabalhada em módulos anteriores).

A prática de manejar plantas (poda) para cobrir o solo, estimula a vida no solo e promove a adubação constante da plantação. Manejar várias plantas garante diferentes nutrien-



tes para aquelas com interesse econômico.

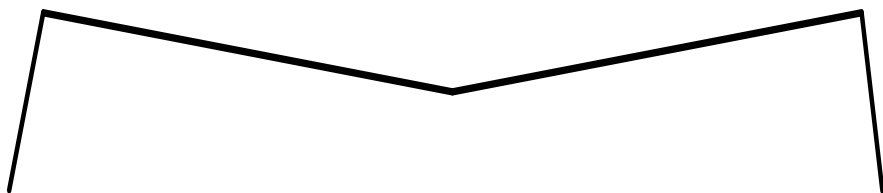
Se as plantas cultivadas receberem nutrientes de forma adequada e não sofrerem algum tipo de estresse, provavelmente não irão desenvolver doenças, não serão atacadas por insetos ou, se ocorrerem, não irão provocar danos à produção (teoria da trofobiose – ver volume 4).

Se, por acaso, algum desequilíbrio ocorrer (doença, desenvolvimento lento ou ataque danoso de insetos herbívoros), o agricultor pode recorrer às caldas orgânicas (bordalesa, sulfocálcica, fumo, etc), biofertilizantes e compostos orgânicos (ver volume 5).

4. Mas afinal, como começar uma horta sucessional?

A. Se a área estiver degradada ou sendo usada há muito tempo, a primeira iniciativa pode ser a adubação verde da área como um todo (ver volume 2 e 3).

B. Após esse processo, os canteiros podem ser preparados (com 1,4 a 1,5 metros de largura). Os canteiros podem ser levantados manualmente ou com o auxílio de maquinários. Esses canteiros devem ser espaçados a um metro e meio ou mais, para que sobre espaço para plantar a linha de adubação e espaço para andar e manejar a plantação. Os canteiros devem ser levemente côncavos, para acumular energia e água no centro do canteiro:





C. Depois, devemos cobrir a superfície do canteiro com pedaços de caule de bananeiras e ou galhos de árvores, ramos e caule de mamona, etc., deixando pequenos espaços para o plantio. Além disso, se existirem árvores na área com galhos grossos, podemos cortar esses galhos e colocar nas laterais dos canteiros, pois madeira é o adubo mais eficiente e rico que a natureza já criou.



Figura 4. Canteiro sucessional sendo construído em um módulo do curso de transição agroecológica para agricultores de Uberlândia e estudantes da Universidade Federal de Uberlândia, no acampamento Terra Firme (fazenda Cabaça), Uberlândia (MG). Foto: Eduardo Manfrim.

D. Posteriormente, devemos cobrir o canteiro com o capim e as espécies de adubação verde que foram plantadas anteriormente. Além disso, podemos pegar “emprestado” o capim de outras áreas, além de folhas de bananeiras, mamão e de outras plantas que foram manejadas para formação dos canteiros.



Figura 5. Canteiro sucessional sendo coberto com capim e matéria orgânica de leguminosas, em um módulo do curso de transição agroecológica para agricultores de Uberlândia e estudantes da Universidade Federal de Uberlândia, no sítio Santa Galo, Uberlândia (MG). Foto: Eduardo Manfrim.

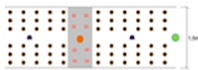
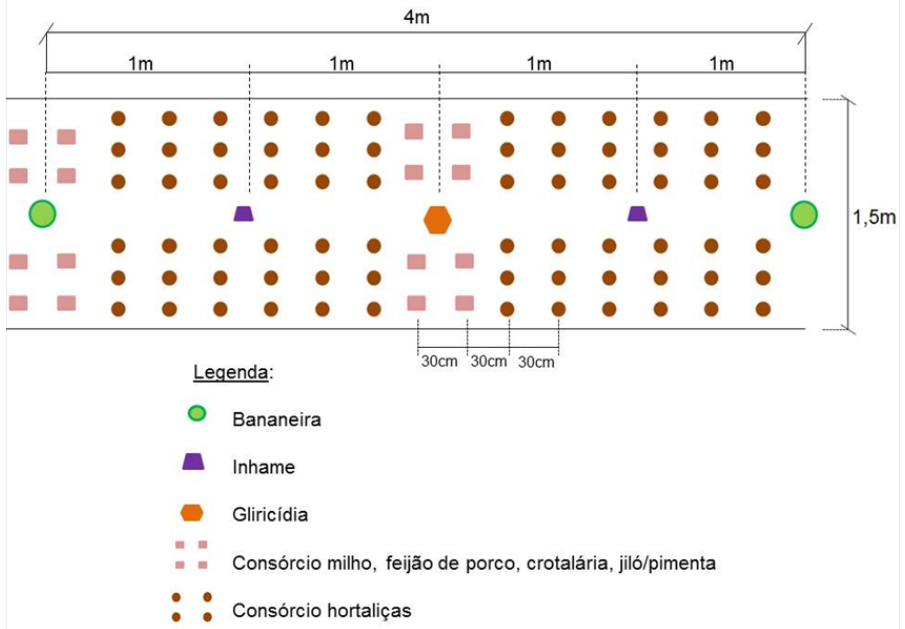
E. Organização e seleção das espécies: devemos fazer um planejamento prévio das espécies disponíveis. Temos que levar em consideração a largura, tamanho e hábito de cada espécie. Para entender melhor, devemos analisar o exemplo de plantio a seguir:

O canteiro é dividido entre linha do meio e as laterais:

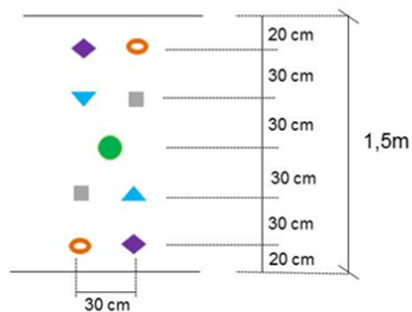
- Linha do meio – local de plantio das espécies de ciclo superior a um ano (mandioca, inhame, maracujá, bananeiras, etc.) ou de ciclo longo, como a gliricídia (adubação verde), amora, etc.. As árvores devem ser espaçadas de 1,5m ou mais, dependendo da necessidade do agricultor;
- Laterais do canteiro – espécies de ciclo curto como hortaliças, rabanetes, cenouras, etc. (plantadas entre as arbóreas) e ciclo mediano, como o milho, pimenta, quiabo, jiló, arroz (plantadas ao lado das arbóreas).

Observação: é importante lembrar que o agricultor deve procurar saber o ciclo das espécies, suas características e quando plantar, respeitando a sua região.

REPRESENTAÇÃO DO CANTEIRO:



REPRESENTAÇÃO DO CANTEIRO – consórcio de banana ou gliricídia com feijão de porco, milho, crotalária, jiló/pimenta

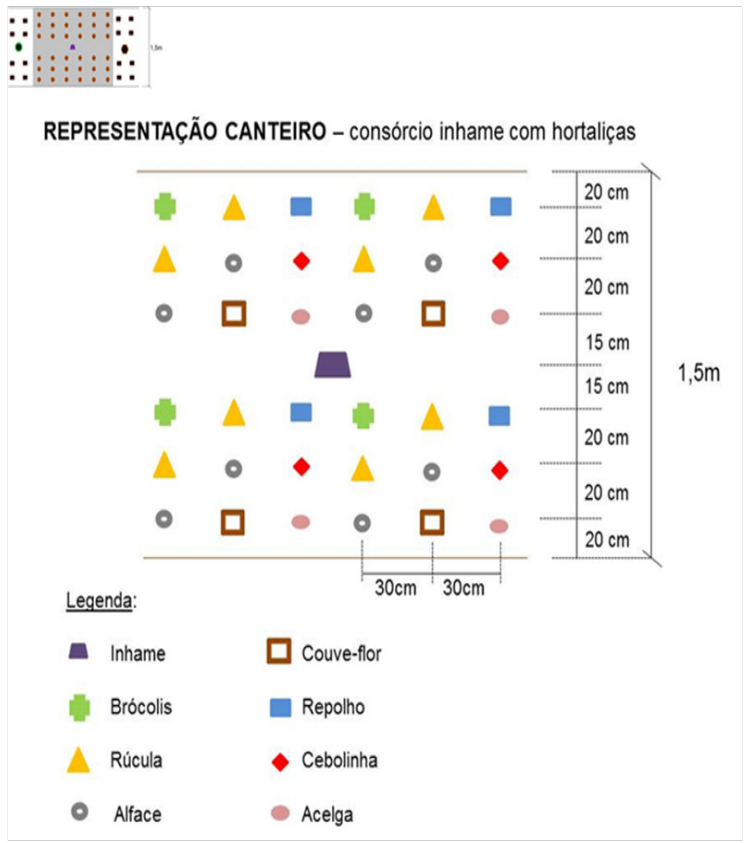


Legenda:

- Banana ou gliricídia
- Milho
- Feijão de porco
- ◆ Crotalária
- ▲ Jiló ou pimenta



Figura 6. Representação do consórcio entre banana ou glicíndia com milho, feijão de porco, crotalária e pimenta ou jiló. Foto: Felipe Saar



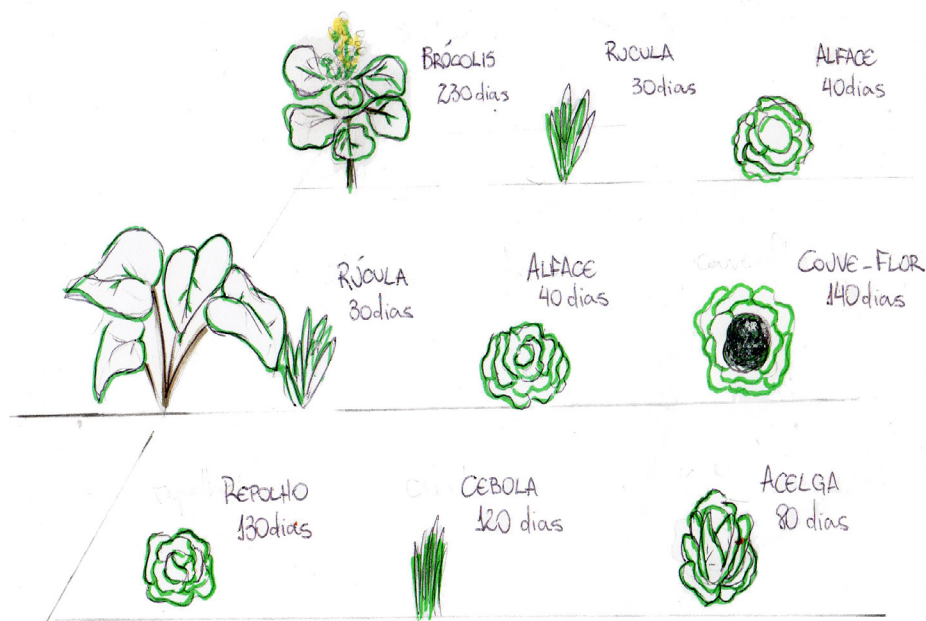


Figura 7. Representação do consórcio no canteiro entre o inhame e as hortaliças. Observar os ciclos das plantas! Foto: Felipe Saar.

Por fim, devemos plantar linhas de adubação, com gramíneas (capim-elefante, capim-napier, capim-mombaça entre outros) e leguminosas (crotalária, feijão-de-porco, feijão-guandu etc.) entre os canteiros, para garantir adubação em abundância.

Também deve-se manejar os capins e os adubos verdes frequentemente, para manter uma camada de matéria orgânica constantemente em decomposição nos canteiros.

Após a colheita das espécies de ciclo curto (hortaliças e verduras), novas mudas podem ser plantadas para repor os espaços vagos. Se for necessário, acrescentar mais composto ou esterco na própria cova.

Observação: vale ressaltar que essas recomendações não são uma receita fechada, assim como todas as práticas agroecológicas. As formas de plantio, tamanho dos canteiros, espécies e espaçamentos devem obedecer às necessidades do agricultor e às particularidades de cada bioma, ecossistema, área rural, etc.



5. Então quer dizer que, quando colher, eu não devo refazer o canteiro?

Isso mesmo, os canteiros devem ser cultivados, renovados e constantemente alimentados com matéria orgânica e novas espécies. Dessa maneira, conseguiremos criar uma camada preta de decomposição de matéria orgânica no solo, assim como a camada superficial nas florestas tropicais (ver módulos 2, 3 e 4). Essa camada de vida e nutrientes, em conjunto com todos os princípios agroecológicos mencionados nesse texto, podem proporcionar o equilíbrio e a trofobiose.

CONCLUSÕES

Se pudéssemos resumir todo o curso em uma só frase, ousaríamos dizer que “a Agroecologia é o caminho que nos garantirá o dia de amanhã”, pois nada se faz na perspectiva agroecológica sem se considerar a maneira como a Mãe Natureza faz. E assim sendo, todas as ações que envolvem o uso dos recursos naturais devem ter uma consciência sustentável, para que o mesmo possa ser mantido ao longo dos anos sem comprometer seu ciclo e abundância.

Este curso de Agroecologia tentou ao máximo trazer a importância de se compreender os processos que acontecem na natureza, pois uma vez que se toma consciência de como as coisas funcionam em um ambiente natural, fica mais claro para o agricultor familiar iniciar um processo de transformação da sua relação com a terra. Dessa forma, os alimentos não mais crescerão em função da aplicação de um fertilizante ou mesmo de um agrotóxico, mas



do equilíbrio gerado na implementação de um sistema agroecológico.

Os sistemas agroecológicos não fazem seleção dos organismos vivos que farão parte do sistema de produção (como as monoculturas fazem), pelo contrário, reconhecem a importância de se criar um ambiente que se aproxime ao máximo de um ambiente natural (mata, cerrado, vereda, etc), onde o equilíbrio ecológico de doenças e pragas é feito pelo próprio ambiente de produção.

Finalmente, a Agroecologia se propõe a unir os indivíduos e sociedade (rural e civil) em prol da sustentabilidade, pois de nada adiantaria toda essa tomada de consciência se não compartilharmos o conhecimento que cada um carrega consigo. Até porque foram os mutirões que garantiram todas as nossas atividades no campo, na construção dos canteiros e hortas do Acampamento Terra Livre, das Chácaras Douradinho, em lotes do Assentamento Tangará e Carinhosa, em propriedades de agricultores de Monte Carmelo-MG e em outras áreas nas quais fizemos trocas de conhecimento.

Por fim, agradecemos o envolvimento e a dedicação de todos os participantes do curso, desde seus idealizadores até aqueles que contribuíram com uma palavra, com uma enxada ou mesmo com a simples presença. Sem a presença e atenção de vocês, isso não passaria de um sonho.

“Não é a consciência do homem que lhe determina o ser; ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência.”

Karl Marx

REFERÊNCIAS

CHABOUSSOU, F. Plantas doentes pelo uso de agrotóxicos: a teoria da trofobiose. Porto Alegre: L&PM, 1987.

GLIESMAN, S.R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. 2 ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. 653p. HORN, H. S. The ecology of secondary succession. Rev. Ecol. Syst. 1974; v.5, 25-37

ODUM, E. P. Ecologia. Ed. Guanabara; 1988.

ODUM, E. P. Fundamentos de Ecológica. 7 ed. 2004.

PRIMAVESI, A.M. Agricultura Sustentável. Nobel: São Paulo, 1992.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Economia Popular Solidária

A EPS é uma construção histórica da classe trabalhadora. É uma abordagem, acima de tudo, política, que questiona o modo de produção capitalista, seus resultados sobre o bem-estar dos trabalhadores e seus impactos em relação ao desenvolvimento humano na sua totalidade.

Pretende construir uma alternativa econômica em que os trabalhadores tenham poder de decisão sobre a produção e a distribuição do valor gerado pelo trabalho coletivo.

Aliados os princípios da Agroecologia aos da EPS, busca-se organizar coletivamente o trabalho e a comercialização, de forma a unir trabalhadores do campo e da cidade em torno da produção e do consumo de alimentos de verdade, saudáveis, ambientalmente sustentáveis, que respeitem a cultura local e os ecossistemas.

Para além da mercadoria, o trabalho. Para além do consumo, a solidariedade. Para além da retórica, a prática. Essas são as reflexões que sugerimos para aprimorar nosso desenvolvimento, em prol de uma sociedade mais justa e solidária.



Ministério da
Ciência, Tecnologia,
Inovação e Comunicações

Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

Ministério da
Educação

Secretaria Especial de
Agricultura Familiar
Desenvolvimento Agrário

GOVERNO
FEDERAL